

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

ACTIVIDADE CIENTÍFICA

«VISÕES DE HISTÓRIA» — COLOQUIO NO RIO DE JANEIRO

1. Organizado pelos departamentos de História e de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (P.U.C./R.J.) e tendo como coordenadores os Professores Berenice Cavalcante e Eduardo Jardim de Moraes, realizou-se, de 3 a 7 de Outubro de 1988, o colóquio «Visões de História».

Encontro interdisciplinar, em que participaram historiadores, filósofos, sociólogos, linguistas, politólogos, etc., procurou, segundo as intenções dos organizadores, perseguir quatro objectivos fundamentais: 1.º «Favorecer o desenvolvimento dos trabalhos» a respeito dos temas abordados; 2.º «Congregar pesquisadores e estudiosos para discussão dos seus trabalhos, visando a aproximação e confronto de perspectivas»; 3.º «Avaliar a situação da pesquisa relativa ao problema da Teoria da História»; 4.º «Dar possibilidade de acesso por parte do público universitário às pesquisas desenvolvidas na área». Portanto, em síntese, foram finalidades essenciais do encontro o debate sobre temas diversos de Teoria da História e a sua divulgação junto de investigadores e estudantes.

Distribuído, como se disse, por quatro dias de trabalho, constituiu, na verdade, um exercício de exposição de temas estudados desde há muito, por comunicantes mais amadurecidos, ou apenas iniciados, no caso dos mais jovens, e uma prática de debate por vezes vivo, e sempre interessado, sobre as questões abordadas.

2. Os temas-base eram, de resto, aliciantes. Vejamos os seus títulos: «O conceito de História— Problemas de definição», «História, Filosofia e História da Filosofia», «História e Nar-

rativa», «História e História da Arte», «História e Conhecimento», «História e Política», «Visões de História do Brasil», «História das Ideias Sociais no Brasil» e «História e Memória».

No entanto, terá de se dizer que nem sempre estes temas de tão grande interesse corresponderam na sua abordagem concreta às expectativas. Em certos casos, a falta de alguns participantes inscritos com comunicação (problema que sempre se verifica em qualquer colóquio, sem culpa da organização) lesou o interesse das mesas redondas (metodologia que serviu de base ao colóquio) — foi isso que sucedeu com a temática «História e Memória» em que a interessante comunicação do Professor Leandro Konder, que analisou de forma viva as concepções de Ranke e Walter Benjamin, não pôde ser completada com outras comunicações que abordassem as recentes pesquisas sobre a «Memória Colectiva». Noutros casos, apesar de um bom nível das comunicações, não se seguiu um tratamento objectivo das questões, verificando-se ora análises isoladas, ora análises, embora coerentes, de tipo experiencial, que não correspondiam directamente às questões chave que deveriam ser tratadas. Penso, de resto, que o maior defeito deste encontro consistiu, efectivamente, na falta de conhecimento mútuo das matérias analisadas que, não tendo sido antecipadamente anunciadas — já não direi previamente conhecidas, pelo menos na sua síntese, como felizmente já se torna comum em encontros deste género — provocou uma certa dispersão ao nível da reflexão sobre os problemas e a falta de uma análise directa dos conceitos em debate. E poderíamos acrescentar que tal situação se agravou pela falta de uma sessão-síntese no final do encontro, que infelizmente foi antes «substituída» por uma conferência do Professor Richard Popkin, da Universidade de Washington, sobre o cepticismo de Hobbes, que (apesar do seu interesse) só muito indirectamente poderia ter que ver com a temática do colóquio.

3. Com estas reflexões de crítica construtiva desejo classificar de desinteressante este encontro de temática tão aliciante e actual? De forma alguma. Não será pelo facto de ter tido a honra de ser o único estrangeiro expressamente convidado para o colóquio — dado que o Professor Eric Alliez, da Université Philosophique Européenne, que também participou no colóquio, se encontrava no Rio como professor visitante, e o Professor Richard Popkin aproveitou a sua estadia no Brasil, a convite da P.U.C./R.J., para proferir a citada

conferência no final do encontro — que me leva a dizer que se tratou, apesar do que se disse, de um encontro do maior interesse, que só pecou pelo facto de não ter sido pensado de forma a dar uma resposta mais cabal (questionadora evidentemente) aos problemas fundamentais que hoje se levantam no domínio da História: a sua definição como ciência (mesmo quando aborda campos específicos como a História da Filosofia), a sua relação com o campo da narrativa (literária), o seu processo complexo de conexões com a política ou o significado polivalente da Memória Histórica. As questões foram abordadas? Sem dúvida. E pode dizer-se que o foram por vezes de forma brilhante, suscitando quase sempre diálogos do maior interesse. Mas poderiam tê-lo sido de forma mais directa e objectiva.

4. Julgo — e é pena que o meu juízo seja singular, por ter sido o único português presente — que este encontro nos revelou também algo de muito importante: as diferenças significativas existentes entre a história portuguesa e a história brasileira.

Note-se, desde já, que não pretendo estabelecer uma comparação maniqueísta, afirmando — mesmo que de forma implícita — que «a melhor é a nossa». Quando digo *diferente* estou a utilizar estritamente um juízo de realidade e não um juízo de valor. Com efeito, o que me parece ser evidente é que o Brasil — dotado de uma tradição de estudos sociológicos, ou de filosofia social, mais significativa — aborda a História em perspectivas mais teorizantes e atemporais, ao passo que em Portugal, onde a «história metódica» resistiu mais tempo, ela encontra-se mais ligada a uma reflexão que dá maior peso aos dados factuais, ao espaço e ao tempo, em suma ao que se considera as coordenadas fundamentais da *realidade histórica*. No fundo creio que essa distinção resulta também do facto da historiografia brasileira ter uma ligação mais profunda com historiografia americana, ao passo que a portuguesa estabelece relações mais estreitas com a historiografia francesa, onde, apesar dos aportamentos epistemológicos da «história nova» e da «nova história nova», não perdeu de vista a velha tradição da «história metódica», cuja oposição, de resto, há hoje tendência para aligeirar, depois das velhas polémicas dos historiadores da *Revue de Synthèse Historique* e dos *Annales* e sobretudo dos seus reprodutores.

Desta constatação poderia tirar-se uma lição — a importância fundamental que há em se gerarem relações de diálogo entre a historiografia portuguesa e a historiografia brasileira.

Com efeito, esse relacionamento, que foi outrora tão significativo — fundamentalmente por razões ideológicas — durante a vigência do «Estado Novo», passou para um segundo plano, embora mantendo (felizmente) vivacidade o relacionamento de Portugal com o Brasil em termos de literatura e história literária. Não é esta, porém, a única área da cultura a desenvolver no campo das relações luso-brasileiras, a menos que tenhamos da cultura uma visão meramente literária ou ideológica.

Mas, neste aspecto poderá dizer-se que também foi rico este encontro, apesar da presença portuguesa ser reduzida, dado que os investigadores presentes — nomeadamente aqueles que se têm dedicado expressamente ao tema — entenderam ser urgente solidificar as relações entre ambos os países, através de um projecto de pesquisa muito concreto: o estudo de «A história da História em Portugal e no Brasil do século XVIII ao século XX». Assim, aproveitando o ensejo, reuniram-se por duas vezes para abordar a questão e elaboraram um programa de investigação, que já está hoje em prática, subsidiado pelo I.C.A.L.P. e pela C.A.P.E.S.

5. Concluindo: por todos os motivos invocados, e apesar das deficiências referidas (todos os colóquios afinal as têm, de um modo ou de outro), a P.U.C./R.J. está de parabéns, bem como os seus mais directos organizadores, Professores Berenice Cavalcante e Eduardo Jardim de Moraes. E devem felicitar-se também os organismos que auxiliaram esta iniciativa — o Centro Nacional de Pesquisa (C.N.Pq.) e o F.I.R.E.P. Trata-se de uma primeira experiência de debate de complexos problemas, que de certo virá a ser completada em encontros futuros, que ultrapassarão as carências citadas.

Luís Reis Torgal

AUTOEVOLUCIONISMO

CICLO DE CONFERÊNCIAS

pelo Prof. Doutor António Lima-de-Faria

Nos dias 16, 17 e 18 de Maio de 1989, o Prof. Doutor António Lima-de-Faria proferiu no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra um ciclo de conferências subordinadas aos seguintes títulos: